

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A APROXIMAÇÃO ENTRE FILOSOFIA E LITERATURA NO PENSAMENTO DE ARTHUR DANTO

Veronica Ferreira Bahr Calazans¹

Resumo: O filósofo da arte, Arthur Danto, propõe um sistema filosófico no qual a questão de saber o que é arte exerce uma função estrutural. No entanto, o que propomos aqui é uma espécie de recuo que se volta a uma questão de fundo: o que Danto entende por filosofia? Visto que o percurso, oferecido pelo autor, para responder à questão, passa pela aproximação entre filosofia e literatura, tentaremos explorar os limites entre essas duas práticas textuais e expor os passos argumentativos através dos quais Danto pretende devolver à filosofia a complexidade que é aplainada pela prática acadêmica/filosófica da contemporaneidade, ao aproximar-se demasiadamente do modelo estabelecido pela prática científica. Para tanto, será necessário explorar – tanto na filosofia, quanto na literatura – o estatuto do estilo, o papel da semântica e a centralidade da figura do leitor, tomado como sujeito real no qual o texto realiza seu caráter transfigurativo. Por fim, não obstante a grande importância atribuída pelo autor à aproximação entre filosofia e literatura, a tarefa que se impõe é a de saber se restam, ainda, elementos característicos capazes de distingui-las.

Palavras-chave: Danto; filosofia; literatura; ciência; arte.

BRIEF CONSIDERATIONS ON THE RAPPROCHEMENT BETWEEN PHILOSOPHY AND LITERATURE IN ARTHUR DANTO'S THOUGHT

565

Abstract: The philosopher of art, Arthur Danto, proposes a philosophical system in which the question of what art is plays a structural role. However, what we propose here is a kind of retreat that returns to a fundamental question: what does Danto understand by philosophy? Since the path offered by the author to answer the question involves the approximation between philosophy and literature, we will attempt to explore the limits between these two textual practices and expose the argumentative steps through which Danto intends to return to philosophy the complexity that is smoothed out by contemporary academic/philosophical practice, by getting too close to the model established by scientific practice. To this end, it will be necessary to explore – both in philosophy and in literature – the status of style, the role of semantics and the centrality of the figure of the reader, taken as a real subject in which the text realizes its transfigurative character. Finally, despite the great importance attributed by the author to the approximation between philosophy and literature, the task that arises is to know whether there are still characteristic elements capable of distinguishing them.

Keywords: Danto; philosophy; literature; science; art.

Introdução

¹ É doutora em Filosofia (2014) pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade de São Paulo (USP), sob a orientação do Prof. Dr. Caetano Plastino. Possui mestrado (2008), sob a orientação do Prof. Dr. Eduardo Salles de Oliveira Barra, e graduação (2004) em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Realizou estágio de doutorado sanduíche (PDSE) no Instituto de História e Filosofia da Ciência e da Técnica (Institut d'Histoire et de Philosophie des Sciences et des Techniques - IHPST/Université Paris I/ - Phanthéon-Sorbone), sob a supervisão do Prof. Dr. Marco Panza (2012). Tem experiência nas áreas de Filosofia Moderna e História e Filosofia da Ciência e da Tecnologia, atuando principalmente nos seguintes temas: Newton, Descartes, realismo matemático, matematização da natureza, determinismo e pensamento técnico. É membro do NEABI/UTFPR. Atualmente, é professora adjunta do DAFCH (Departamento Acadêmico de Filosofia e Ciências Humanas), UTFPR (Universidade Tecnológica Federal do Paraná). Atua, como professora colaboradora, no Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8274-5935>. E-mail: calazansveronica@gmail.com.

Não há dúvidas de que Arthur Danto é um filósofo incontornável, quando o assunto é a filosofia da arte. Suas contribuições para a o tratamento teórico e reflexivo das manifestações contemporâneas – que, embora se caracterizem como artísticas, desafiam a compreensão do que se entende por arte² – são alvo de grande reconhecimento e frequente objeto de investigação. Certamente, muito há ainda para explorar, na obra desse filósofo, a respeito do conceito de arte e suas implicações. Entretanto, o caráter reflexivo dessa abordagem suscita uma outra gama de questões.

Na coletânea³ que recebeu, em sua tradução brasileira, o título “O descredenciamento filosófico da arte” (2019), encontramos dois textos⁴ que tratam da relação entre filosofia e literatura, aproximando a própria filosofia da arte, objeto privilegiado no pensamento do autor. Concentraremos nossa atenção no primeiro desses textos, em razão da notável densidade conceitual que ele apresenta e porque ele concentra o que consideramos o cerne da argumentação do autor no que diz respeito à aproximação entre filosofia e literatura.

Dito isso, a questão que nos inquieta é simples, em sua formulação e, no entanto, extremamente complexa em seu desenvolvimento: como Danto, o notável filósofo da arte, entende a própria filosofia? A resposta a essa questão passa pela tarefa de explicitar as nuances da aproximação, proposta pelo autor, entre filosofia e literatura. Supondo que tal aproximação não se esgote em uma redução da primeira à segunda, duas frentes de investigação são necessárias. É preciso estabelecer os pontos de convergência entre elas e, em seguida, os elementos que as distinguem.

Pretendemos, então, lançar luz sobre a complexidade subjacente à tarefa de aproximar filosofia e literatura e esperamos mostrar que o percurso proposto pelo autor, mais do que alcançar definições sumárias, oferece-nos a oportunidade de repensar o caminho que, segundo ele, a filosofia contemporânea adotou. Danto denuncia o empobrecimento sofrido pela filosofia, ao aproximar-se demasiadamente da ciência, e aponta para os elementos que a aproximam da

² Segundo o próprio autor, no prefácio à edição brasileira de *A transfiguração do lugar comum* (2005), sua filosofia da arte se constitui como um sistema filosófico pois, para ele, fazer filosofia em um nível implica em fazer filosofia em sua totalidade. Então, o caráter sistemático de seu pensamento garante a relevância de cada um dos temas tratados. O caso do escopo delimitado aqui não é exceção: ao tratar da relação entre filosofia e literatura, Danto trata de todo o seu sistema.

³ *The Philosophical Disenfranchisement of Art*, New York, Columbia University Press, 1986.

⁴ Utilizaremos, como texto central, “Filosofia como/e/da literatura”. No entanto, vale destacar que em “Filosofando a literatura” Danto prossegue com a mesma temática e desenvolve alguns aspectos do primeiro texto.

literatura – ainda que sejam resguardadas suas peculiaridades –, propiciando um viés alternativo a esse da contemporaneidade.

1. Entre a ciência e a arte, ou, entre a verdade e o estilo

A filosofia, situada entre dois polos, a saber, a ciência e a arte, torna-se objeto da reflexão de Danto no capítulo “Filosofia como/e/da literatura”, no qual ele propõe, como mostra o título, uma aproximação entre filosofia e literatura. Considerando a ciência e a arte como dois polos entre os quais Danto situará a filosofia, antes de considerar diretamente a proximidade com a literatura, o autor expõe seu diagnóstico da situação da filosofia contemporânea tratada, segundo ele, prioritariamente como ciência.

Danto aponta para a profissionalização da filosofia, na qual o artigo – a exemplo dos artigos científicos – é assumido como produção máxima e exemplar do trabalho filosófico:

Num período aproximadamente contemporâneo daquele em que a filosofia obteve a profissionalização, o formato canonicamente literário era o artigo de filosofia profissional. Nossa prática como filósofos consiste em ler e escrever artigos desse tipo, em treinar os estudantes para lê-los e escrevê-los, aos quais reagimos colocando questões que, de fato, são recomendações editoriais, tipicamente incorporadas e reconhecidas na primeira ou na última nota de rodapé do artigo, em que somos eximidos desses erros e infelicidades que podem ter permanecido e nos agradecem por nossas valiosas sugestões (Danto, 2019, p. 177).

567

Essa prática, descrita acima, revela a proximidade entre a prática profissional da filosofia e aquilo que Thomas Kuhn entende como “ciência normal”. O artigo, como produção textual, conduz a uma perda da individualidade e da identidade do autor. Além do formato de avaliação, que consiste em pareceres cegos, há uma crença básica de que todos estão envolvidos em um processo colaborativo, no qual os mesmos problemas filosóficos são abordados e desenvolvidos pelos diversos autores e, de certo modo, participam de uma mesma realidade filosófica que, em si, é impessoal. Dito de outro modo, é subentendida uma “verdade filosófica” da qual nos aproximamos como “comunidade de pesquisa”.

Nessa perspectiva, questões relacionadas ao estilo tornam-se secundárias. Ainda que o mérito de alguns filósofos, no que diz respeito ao estilo, seja reconhecido – Danto recorre aos exemplos daqueles que produziram uma “prosa notável”, como Strawson, Quine, Santayana, Russell e James –, esse mérito não constitui o que é considerado essencial à atividade filosófica. No máximo, considera-se desejável que o estilo facilite e promova a clareza, objetivo que

permanece no âmbito secundário. Se há uma verdade filosófica, como suposto acima, e nela que reside o objetivo primário da filosofia. Por isso, Danto precisa pôr em questão essa pretensão de uma verdade impessoal, própria da filosofia-como-ciência, contrapondo a uma filosofia-como-literatura, na qual outras concepções de verdade filosóficas podem ser consideradas:

Não é meu propósito aqui, criticar uma forma de vida da qual eu, afinal de contas, participo, nem criticar o formato de discurso e escrita que, afinal de contas, reforça as virtudes da clareza, da brevidade e da competência nas pessoas forçadas a usá-lo. Apenas quis enfatizar que o conceito de verdade filosófica e a forma de expressão filosófica são internamente relacionados o suficiente para que queiramos reconhecer que, quando nos voltamos para outras formas, podemos também estar nos voltando para outras concepções de verdade filosófica (Danto, 2019, p. 178).

Então, que projeto é esse, proposto pelo autor, que aproxima a filosofia da literatura? Para responder a essa questão, podemos iniciar pela noção de estilo e seu papel na filosofia. Danto destaca a ampliação daquilo que é considerado como “texto”, na contemporaneidade. Coisas como receitas, ingressos e tickets passam a ser considerados merecedores de análise hermenêutica. Se é assim, por que os textos filosóficos não mereceriam a mesma distinção? Outra aproximação possível é o exemplo da Bíblia, caso no qual o estilo desempenha um papel significativo, para além da crença em seu conteúdo. Do mesmo modo, para além do conteúdo filosófico, a filosofia não deveria ser considerada sob a perspectiva dos estilos de escrita que manifesta? Na citação acima, fica evidente a relação proposta pelo autor entre forma e conteúdo da escrita filosófica. Se reduzirmos a escrita filosófica ao único estilo impessoal dos artigos, também reduziremos seu conteúdo a uma única verdade filosófica, ignorando outras formas possíveis. A filosofia-como-literatura, na medida em que retoma a variedade de formas – estilos –, reabilita também as outras concepções de verdade.

No que diz respeito às obras dos “grandes filósofos”, tais como Platão ou Descartes, Danto questiona até que ponto seria possível separar o objetivo pretendido pelo autor – verdade, ao menos na perspectiva de cada um deles – da forma na qual os respectivos textos foram escritos. Se eles produziram em forma de diálogos ou meditações, em suas épocas, será que é viável “aplainer” essa diversidade de formas em um único estilo, que Danto chama ironicamente de “prosa periodista”? Nas palavras do autor,

A forma como a verdade, tal como eles [filósofos] a entenderam, deve ser compreendida, poderia requerer justamente uma forma de leitura, portanto um tipo de relação com aqueles textos, totalmente diferentes daqueles apropriados para um artigo, ou para o que às vezes nos referimos como uma “contribuição”. E isso porque se tenciona que aconteça para o leitor algo que seja diferente de ser informado, ou um acréscimo a isso. Afinal de contas, não é simplesmente que os textos podem perder

| | | | | |
|--------------------------|--------|-------|--------------------|--------------|
| <i>Revista Dialectus</i> | Ano 13 | n. 33 | Maio – Agosto 2024 | p. 565 - 576 |
|--------------------------|--------|-------|--------------------|--------------|

algo quando aplainados em artigos: a vida pode ter perdido algo a partir do momento em que a filosofia é totalmente aplainada para a produção e a transmissão de artigos, por mais nobre que a visão que lhes é correlativa seja (Danto, 2019, p. 178).

Assim, a variedade de expressões literárias, produzidas pela filosofia, não é, segundo Danto, tão secundária quanto a filosofia-como-ciência faz parecer. Para ele, o “artigo filosófico profissional” não deve ser tomado como um produto evolutivo que, por ser melhor ou mais adaptado, constitui um avanço da filosofia e suplanta as demais formas. Ou seja, essa estrada (do desenvolvimento filosófico) é “mais sinuosa do que a maioria” (Danto, 2019, p. 180) e, portanto, a tentativa de reduzi-la a uma única via reta implica em uma perda evidente e significativa. Essa variedade de expressões, a ser reabilitada, compartilha com a literatura o papel privilegiado da forma, do estilo. No entanto, que seja possível avaliar as obras filosóficas em uma perspectiva literária não se segue, necessariamente, que a filosofia se reduza a tal análise. Cabe, portanto, desenvolver os termos dessa aproximação, com o objetivo de explicitar como Danto compreende a filosofia e, por conseguinte, a própria literatura.

Do que foi dito até aqui, conclui-se que os polos – filosofia-como-ciência e filosofia-como-literatura – são, como o termo “polo” sugere, inconciliáveis. O percurso de Danto parece associar ao primeiro a noção de verdade e ao segundo a de estilo. Para estressar esses limites e evidenciar a profundidade dos conceitos envolvidos, o autor introduz o conceito de “referência” e as fronteiras entre esses dois campos passa a se mostrar menos evidente.

569

2. A semântica e o projeto de uma terceira via: filosofia é ou não é literatura?

As questões semânticas, presentes nas discussões tanto a respeito da filosofia quanto da literatura, permitem a Danto reformular, em outros termos, o problema da distinção entre elas. No caso da filosofia, a importância da verdade é retomada, no sentido de que o significado marca a diferença entre as proposições que erram o alvo (falsas) e aquelas que não têm alvo para errar (carentes de significado). A filosofia costuma se esforçar para escapar ao segundo grupo. Ela apressa-se, portanto, em considerar como pertencentes a esse grupo as proposições que pertencem ao campo da ficção (literatura, por exemplo).

No entanto, seriam as proposições da literatura simplesmente carentes de significado? O que dizer de uma figura como Don Quixote? Qual o estatuto e qual a fundamentação de seu significado? A questão da referência na literatura foi tratada sob diversas perspectivas, entre elas, o que Danto chama de “lenda da referência ficcional” (Danto, 2019, p. 180), contexto no

| | | | | |
|--------------------------|--------|-------|--------------------|--------------|
| <i>Revista Dialectus</i> | Ano 13 | n. 33 | Maio – Agosto 2024 | p. 565 - 576 |
|--------------------------|--------|-------|--------------------|--------------|

qual alguns teóricos da semântica transformam Don Quixote, para permanecer no exemplo do autor, em uma entidade subsistente sobre a qual se pode falar do mesmo modo que falaríamos se ele fosse de um nobre espanhol em La Mancha. Danto ironiza, ao utilizar o adjetivo “lenda”, porque esses teóricos não foram capazes de explicar o que fornece significado a essa referência ficcional. No entanto, ainda que permaneça essa fragilidade, não se pode negar que “Don Quixote” está carregado semanticamente. Não o percebemos, propriamente, mas podemos distinguir suas características e, em especial, podemos continuar mencionando-o, como entidade subsistente, em outros textos.

De qualquer modo, é pertinente perguntar se essa fragilidade da literatura, no que diz respeito às suas referências – cuja densidade ontológica não ultrapassa aquela da fantasia humana – seria suficiente para excluí-la do âmbito da filosofia e separar, definitivamente, esses dois campos. Poderia ser o caso se a filosofia pudesse garantir seu acesso à verdade em um âmbito externo e independente daquele do texto. Entretanto, a própria filosofia recorre, frequentemente, a expedientes como esse de “redenção ontológica”, aplicado a Don Quixote e à literatura, construindo significado por meio de uma rede estabelecida entre os textos e sem que haja uma referência direta no mundo. A literatura, por sua vez, pode pretender ligar-se ao mundo, ao menos sob alguns aspectos, de modo que sua densidade semântica não seja engendrada inteiramente no campo textual. Ou seja, o critério de separação não poderia ser o de atribuir à filosofia um compromisso com a realidade – uma verdade exterior ao texto – enquanto restaria à literatura uma ontologia mais fraca, na qual as referências dependem apenas dos próprios textos, visto que filosofia e literatura mesclam – cada uma a seu modo e segundo suas proporções – os dois modos de construção de significado.

Nessa perspectiva, Danto sumariza a questão da referência, utilizando uma metáfora da matemática:

Por que, já que nós mesmos não somos acadêmicos literários, deveríamos nos preocupar com essas intrincadas redes de efeitos recíprocos? “Porque elas existem” não seria uma boa razão nem mesmo para escalar montanhas, mas me admira o fato de que os filósofos parecem compreender apenas referências verticais, enquanto os teóricos literários, se R está correto, apenas referências horizontais⁵. Nesse sistema de coordenadas é difícil localizar a literatura no plano das preocupações humanas em

⁵ Danto prefere não indicar diretamente o nome de seu interlocutor, chamando-o apenas de “R”, mas indica que ele defenderia o que se chama de “Falácia Referencial”. Em linhas gerais, trata-se de sustentar que a literatura não precisa recorrer a referências externas ao plano dos textos, mesmo quando parece ser o caso. No exemplo apresentado por Danto, um problema que foi escrito no mês de março, e menciona o final do inverno, de fato tinha como referência não a época em que foi escrito (referência externa), mas o Cântico dos Cânticos (referência literária).

geral. Precisamos claramente de uma coordenada *z*, devemos abrir uma dimensão de referência que não revele totalmente nem a referência vertical nem a horizontal (Danto, 2019, p. 188)

Para compreender melhor como Danto entende as coordenadas horizontal e vertical – e como esse esquema indica elementos importantes para pensar a questão do estatuto da filosofia e sua aproximação com a literatura –, seguiremos o roteiro do próprio autor. A primeira coordenada (horizontal) representa a poesia: suas referências permanecem no plano do texto. Já a segunda coordenada (vertical), é associada à história, que recorre a referências externas ao texto. Esse exemplo é inspirado por uma afirmação de Aristóteles, de que “A distinção entre o historiador e o poeta não está no fato de que um escreve em prosa e outro em verso” (Danto, 2019, p. 188). Ou seja, apenas tendo acesso ao texto, é difícil dizer qual deles utiliza a coordenada vertical e recorre a referências externas e qual pode prescindir dessas referências e permanecer no plano do texto e, assim, da coordenada horizontal. Então, a distinção entre história e poesia não se dá pelo estilo do texto.

Segundo Danto, o percurso acima ilustra a formação de uma questão filosófica ou, mais do que isso, ilustra a forma que caracteriza as questões filosóficas: “[...] quando pares indiscrimináveis com localizações ontológicas não obstante distintas podem ser encontrados ou supostamente encontrados, e então devemos explicar no que consiste ou poderia consistir a diferença” (Danto, 2019, p. 188). Após apresentar diversos exemplos da história da filosofia que ilustram essa estrutura em suas respectivas questões filosóficas, Danto aborda seu próprio sistema de pensamento, descrevendo a estrutura da mais célebre de suas questões: aquela que pergunta sobre o estatuto da arte.

No contato com a obra de Duchamp, Danto tem diante de si a constatação de que aquilo que distingue uma obra de arte de uma coisa real não pode ser contemplado, de modo algum, pelos olhos, pela mera percepção. A partir de então, as tentativas de estabelecer tais distinções, por qualquer recurso da percepção, são consideradas artificiais e o problema é deslocado para o campo da filosofia. Surge uma legítima questão filosófica⁶.

Retornando à formulação de Aristóteles, não é pelo estilo que se distingue a história e a poesia, mas pela universalidade, sendo a história particular e a poesia universal. A poesia é,

⁶ Para uma abordagem mais completa dessa questão, cf. Chateau, 1994.

| | | | | |
|--------------------------|--------|-------|--------------------|--------------|
| <i>Revista Dialectus</i> | Ano 13 | n. 33 | Maio – Agosto 2024 | p. 565 - 576 |
|--------------------------|--------|-------|--------------------|--------------|

portanto, mais próxima da filosofia, no que diz respeito à universalidade; porém, essa proximidade não é suficiente para diluir uma na outra e a questão da distinção permanece:

Por outro lado, deve haver alguma maneira pela qual o livro de Jong, se universal e por isso mais filosófico do que o de Stern⁷, não seja tão filosófico quanto a própria filosofia – do contrário, o problema de estruturar a filosofia como uma forma de literatura seria resolvido à custa de ampliar tanto a filosofia, posto que nada poderia ser mais filosófico que ela, a ponto de abranger qualquer coisa que Aristóteles considerasse poesia. De qualquer modo que a filosofia tiver de ser literatura, se é que ela deve mesmo ser literatura, ela precisa respeitar quaisquer diferenças que possa haver com a literatura que não é filosofia, por mais necessariamente filosófica que ela tenha de ser para se distinguir da mera história (Danto, 2019, p. 191).

Nesse ponto do percurso de Danto, fica mais evidente a razão pela qual a história foi introduzida, como terceiro elemento, na comparação. Ela retira a literatura da identificação completa⁸ com o eixo horizontal, bem como retira a filosofia da identificação completa com o eixo vertical⁹, na medida em que esse terceiro elemento compartilha características importantes com cada um dos outros dois. Retomando o compromisso da filosofia com a verdade, Danto afirma que a filosofia, para além de se pretender universal, também se pretende necessária. Isso quer dizer que sua verdade deve valer para todos os mundos possíveis, ao contrário, por exemplo, da história (e da ciência), que tem sua verdade garantida apenas nesse mundo. Por sua vez, a literatura pode alcançar mundos possíveis diferentes do nosso e, por isso, ocupar o lugar da história (ou da antropologia) em tais mundos¹⁰.

572

Diante desse novo cenário, Danto propõem que a aproximação entre a filosofia e a literatura leve em consideração, prioritariamente, as noções de “universalidade” e “necessidade”. Embora a literatura não compartilhe com a filosofia a necessidade (todos os mundos possíveis) ela também é universal, mas em outro sentido: a referência literária é universal na medida em que é capaz de fornecer, para cada indivíduo que lê o texto, uma experiência metafórica. Não se trata de um leitor genérico, para o qual o narrador se dirige, mas do “Eu” que lê, como sujeito real: “A obra encontra seu sujeito somente quando lida” (Danto, 2019, p. 193).

⁷ Danto explora a comparação entre os livros desses dois autores, para ilustrar a questão aristotélica de distinguir entre história e poesia.

⁸ Decorrente de interpretações como a de “R”, a quem Danto se opõe, que prescinde de qualquer referência exterior ao texto.

⁹ Já que a filosofia também precisa, frequentemente, recorrer ao mesmo tipo de redenção ontológica da literatura.

¹⁰ Por exemplo, tendo como perspectiva apenas o mundo de Gulliver, a trama ganha estatuto de história. O mesmo para qualquer outra narrativa ficcional.

Danto aborda, então, o caráter transfigurativo da literatura. Ela é escrita como ficção, mas ultrapassa esse escopo ao atingir o leitor que, pelo caráter metafórico da obra, pode assumir-se como sujeito da história, no contexto de um fenômeno de identificação. Portanto, a literatura ultrapassa a fronteira entre ficção (seu escopo original) e verdade (pretensão antes atribuída à filosofia):

Por causa da imediaticidade de identificação, é natural pensar na literatura, [...] como um tipo de espelho, não simplesmente no sentido de refletir uma realidade externa, mas como dar-me para mim mesmo para cada eu que espreita dentro dele, mostrando a cada um de nós algo inacessível sem espelhos, a saber, que cada um tem um aspecto externo e o que é esse aspecto externo. Cada obra de literatura mostra, nesse sentido, um aspecto que não conheceríamos se não nos beneficiássemos desse espelho: cada um descobre – no sentido setecentista do termo – uma insuspeitada dimensão de si mesmo (Danto, 2019, p. 193).

Destacamos, algumas páginas acima, que o conceito de referência é central para os propósitos de Danto. Nesse ponto, ele parece já ter reunido os elementos necessários para nos mostrar em que sentido esse conceito nos ajuda a diferenciar filosofia e literatura, ainda que aproximando-as. Para tanto, vale retomar o teórico com quem ele dialoga, e a quem se refere apenas pela inicial “R”, e a noção de “falácia referencial”. Tudo indica que se trata de Michael Riffaterre (1924 – 2006), teórico e crítico literário que, embora tenha nascido na França, foi professor na Universidade de Columbia, Estados Unidos.

573

Se fosse um texto literário, “A falácia referencial” ofereceria uma metáfora de extremo deslocamento, pondo a vida como um todo para além do espectro da referência, demonstrando uma existência vivida numa infinita biblioteca sem janelas, em que um livro nos envia a outro livro numa teia de relações recíprocas que o leitor pode habitar como uma aranha. Imagine que ela tinha sido escrita por Borges, cuja vida é quase como isso, e incluída em *Ficciones*! Mas, de fato, ela foi escrita por R e nos dá uma análise falsa em vez de uma metáfora; ele se refere verticalmente a leitores cuja relação com textos é compreendida de maneira equivocada, e não ao leitor do texto cuja vida ele retrata metaforicamente. Se esse pronunciamento fosse arte, ele seria um espelho apenas para R, que, vendo sua própria imagem refletida, poderia descobrir sua consciência presa numa armadilha e corrigir seu pensamento (Danto, 2019, p. 195).

A passagem evidencia a grande contribuição de Danto para esse debate: é preciso não apenas abordar o texto, seja filosófico ou literário, mas incluir a experiência da leitura. Mesmo o objetivo pretensamente científico (ao menos teórico) de R poderia, segundo Danto, ser corrigido e adequado se ele tivesse considerado, seriamente, a perspectiva do leitor. Esse outro escopo de referência, no qual a literatura se relaciona com a vida, na figura do leitor, é

compartilhado pela filosofia. Porém, a filosofia transforma as metáforas em termos técnicos¹¹, pretendendo alcançar o plano dos fatos e aproximando-se, nesse ponto, muito mais da ciência.

Quanto ao leitor, como instância que confere universalidade à literatura, seu papel também está presente no texto filosófico. Aliás, Danto afirma que ele está presente desde o início, temporal, do texto. Descartes, por exemplo, nas *Meditações*, obriga o leitor a participar ativamente do processo que lhe permite, ao final, encontrar sua identidade filosófica: “Ele encontra a si mesmo no texto, pois estava nele desde o início” (Danto, 2019, p. 197).

Se pretendêssemos excluir essa dimensão do leitor, permanecendo naquela divisão abstrata, na qual a literatura não precisa do mundo para estabelecer suas referências – como no exemplo do leitor cujo mundo é a biblioteca – e a filosofia alcança uma verdade diretamente no mundo, o esvaziamento de ambas seria inevitável. A filosofia se transformaria em um “museu de trajes” que não são vestidos. Então, o que é essa filosofia que se aproxima e se distingue da literatura?

Os diversos textos filosóficos, na relação com seus diversos leitores, mostram que a filosofia “subentende uma variedade de antropologias filosóficas” (Danto, 2019, p. 197). No entanto, ela não pretende permanecer no âmbito da metáfora – que funciona como espelho, de modo singular e individual – mas alcançar uma verdade. Todavia, também a noção de verdade está atrelada à leitura, mesmo quando o texto em questão é aquele artigo pretensamente impessoal, a exemplo do artigo científico, já que a filosofia não pode pretender dizer algo sobre um mundo que o leitor não seja capaz de representar para si.

Danto resume, por fim, a posição defendida por ele:

Desse modo, a filosofia é literatura visto que entre suas condições de verdade estão aquelas conexas com o ser lido, e então ler aqueles textos supostamente nos revela pelo que somos em virtude nossa leitura. Entretanto, revela-nos realmente, não metaforicamente, e é por isso que penso que não posso finalmente aquiescer à ideia de que a filosofia é literatura. Ela continua a almejar a verdade, mas quando falsa, seriamente falsa, ela é às vezes tão fascinadamente falsa que retém um tipo de vitalidade perpétua como metáfora. Isso é o que torna nossa história tão impossível de desprezar, já que sempre há o poder e os textos nos engajam quando os lemos vitalmente como leitores cujos retratos filosóficos se materializam sobre nós quando entramos naquele lugar que esperava por nós desde o início (Danto, 2019, p. 198).

¹¹ Por exemplo, Locke transforma “o candeeiro dentro de nós” em “intuição”.

Considerações finais

Mais do que um tratamento conceitual da distinção entre filosofia e literatura e, conseqüentemente, da definição de cada uma delas, Danto nos oferece uma filosofia da escrita, centrada justamente na outra ponta do processo: a leitura. A pretensão de alcançar a universalidade, que distingue a filosofia da literatura, somente terá algum estatuto significativo se a filosofia não negligenciar justamente o que a aproxima da literatura: o papel do leitor, como aquele que está lá desde o início e para quem o texto se dirige. Sem o leitor, não há texto, não importa a espécie de referência direta entre o texto e o mundo que alguma teoria pretenda postular.

A atualidade da proposta de Danto é inegável. Será que a filosofia-como-ciência será capaz de alcançar o mundo habitado pelos leitores, tomados em sentido mais amplo, ou o estilo vigente e unânime – o artigo – ficará intencionalmente endereçado apenas aos leitores iniciados na estrita “comunidade filosófica”, parafraseando Thomas Kuhn? A reflexão de Danto não conduz à conclusão de que o artigo, como prática acadêmica/filosófica, deva ser abolido, mas de que essa prática nos conduz a um aplainamento, a uma redução da complexidade historicamente própria da filosofia.

Cabe, assim, destacar a urgência em aprofundar e ampliar essa discussão. A centralidade da figura do leitor, como o “eu” que lê o texto, como sujeito real da leitura, ao mesmo tempo aproxima e distingue a literatura e a filosofia. Aproxima, porque o leitor acessa, em ambas, um caráter metafórico do texto. No que diz respeito à literatura, Danto aponta a função transfigurativa, através da qual o leitor se identifica, metaforicamente, e encontra novos aspectos de si mesmo por meio da leitura. Esse processo permite a extrapolação do âmbito ficcional. Na filosofia, a metáfora pode ir além e se transformar em “termo técnico”, como se ela inicialmente servisse para falar sobre aquilo para o qual ainda não existem palavras. Posteriormente, e por intermédio da metáfora, as palavras são formuladas.

Tal movimento, que distingue a filosofia, somente é possível porque o mundo, evocado como referência externa ao texto, necessita do processo de significação, operado pelos sujeitos, para se constituir. Desse modo, a universalidade e a almejada densidade ontológica da filosofia dependem do engajamento dos leitores. Danto destaca que são vários os tipos de leitores possíveis, assim como são vários os textos filosóficos. Entretanto, a crescente redução da escrita filosófica ao artigo, como único estilo possível, reduz também o alcance da filosofia, na medida

em que a variedade de formas abandonadas – ou reconhecidas apenas por seu valor histórico – correspondem a uma variedade de leitores que não necessariamente serão contemplados pela única prática vigente.

Assim, embora a filosofia não seja reduzida à literatura, o aspecto central que as aproxima não apenas colabora para uma melhor clareza conceitual do que caracteriza cada uma delas, mas alerta para o risco assumido pela filosofia, ao negligenciar sua proximidade com a literatura, de se reduzir a uma pequena parte do que ela poderia ser.

Referências

CHATEAU, D. **La Question de la question de l'art: note sur l'esthétique analytique** (Danto, Goodman et quelques autres). Saint-Denis: Presses universitaires de Vincennes, 1994.

DANTO, A. O mundo da arte. Trad. Rodrigo Duarte. *Artefilosofia*. n 1. UFOP. 2006.

DANTO, A.. Após o fim da arte: A Arte Contemporânea e os Limites da História. Tradução de Saulo Krieger. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.

DANTO, A.. A Transfiguração do lugar comum. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

DANTO, A. O Descredenciamento filosófico da arte. Trad. Rodrigo Duarte. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

DANTO, A.. Andy Warhol. *Icons of America*. Connecticut: Yale University Press, 2009.